

Cotidianos de Guerra: O Serviço de Saúde do Exército (1918-1943)

Rachel Motta Cardoso*

Resumo: Neste trabalho, temos como objeto de pesquisa o Serviço de Saúde do Exército desde a sua participação na 1ª Guerra Mundial com a Missão Médica Militar brasileira à França, em 1918, até a formação do 1º Batalhão de Saúde, em 1943, para a campanha da Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.) na 2ª Guerra Mundial. A nossa análise tenta perceber de que forma as influências estrangeiras, especialmente da Alemanha e da França, atuam sobre a formação de oficiais deste grupo.

Palavras-chave: Serviço de Saúde do Exército; Missão Médica Militar Brasileira; Força Expedicionária Brasileira; medicina militar.

Abstract: In this work, we have as research object the Service of Health of the Army since its participation in 1st World-wide War with the Brazilian Military Medical Mission to France, in 1918, until the training of 1st Battalion of Health, in 1943, for the campaign of the Brazilian Expeditionary Force in 2nd World-wide War. Our analysis tries to perceive of that it forms the foreign influences, especially of Germany and of France, they act on the training of officers of this group.

Key words: Service of Health of the Army; Brazilian Military Medical Mission; Brazilian Expeditionary Force; military medicine.

Ao tratar das correntes no Exército a partir do conceito de *partidos militares* em minha dissertação de mestrado¹, verifiquei a importância da discussão sobre a influência de potências estrangeiras no desenvolvimento nacional. Tais correntes demonstravam as divisões existentes nas Forças Armadas e tinham sua origem em questões ligadas à influência de participação externa em questões consideradas estratégicas, como, por exemplo, a ligada ao petróleo ao final da década de 1940. A participação do Brasil nas duas Guerras Mundiais não está desligada deste tipo de pensamento. A Missão Médica Militar brasileira à França, que atuou na “Grande Guerra” ou 1ª Guerra Mundial (1914-1918) e a criação do 1º Batalhão de Saúde para a Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.), em 1943, para combater ao lado dos aliados na 2ª Guerra Mundial (1939-1945) serão consideradas como marcos na história do Serviço de Saúde do Exército². Estes limites foram estabelecidos levando em consideração o

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ.

¹ CARDOSO, Rachel Motta. *Depois, o Golpe: as eleições de 1962 no Clube Militar*. Dissertação (mestrado), Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/Programa de Pós-Graduação em História Social, 2008.

² Escolhemos o Exército em detrimento da Marinha neste período, por ser a Força com maior efetivo no território nacional. Sobre a sua história, o Exército brasileiro tem sua formação no século XVII e a história do

princípio de influências estrangeiras no processo de formação de militares do Serviço de Saúde do Exército.

O início do século XX é marcado pelas disputas por territórios e, conseqüentemente, mercados de “escoamento” de material bélico entre as principais potências capitalistas – em destaque as européias: Alemanha, França e Inglaterra. A história de modernização³ do nosso Exército não se distancia daquela realidade e a Alemanha e a França destacaram-se neste processo. As viagens de turmas de oficiais brasileiros para estagiarem nos regimentos alemães em 1906, 1908 e 1910⁴ apontam para um primeiro momento deste quadro. Os militares brasileiros que retornaram da Alemanha estavam determinados a contratar alemães e, logo, publicariam artigos traduzidos do alemão enaltecendo a importância daquele Exército⁵. Foi no ano da primeira viagem dos oficiais do Exército para o estágio na Alemanha, 1906, que o coronel francês Paul Balagny chegou ao Brasil. O objetivo, naquele momento, era instruir a Força Pública de São Paulo após rápida negociação realizada por Gabriel Toledo de Piza, embaixador do Brasil na França, e o Ministro da Guerra francês, Eugène Étienne⁶. O contrato com os franceses foi renovado em 1913, sendo dispensada em 1914 em função dos acontecimentos da 1ª Guerra. Em 1908, os franceses conseguiriam uma missão ligada ao Exército do Brasil: uma missão de veterinários militares, que teria como papel estudar a cavalaria do Exército estabelecendo “os fundamentos do ensino da medicina veterinária” (NETO, 2001: 200).

Serviço de Saúde do Exército remonta aos tempos do Brasil colonial. Os poucos documentos relacionados a este período indicam um serviço mantido em regimentos e batalhões da época. Em 1763, havia um Hospital Militar na Corte que, anos mais tarde, seria instalado no Morro do Castelo. O ano de 1808 marca, oficialmente, a origem de um serviço de saúde. Com o Decreto de 9 de fevereiro de 1808, é criado o cargo de cirurgião-mór dos reais Exército e Armada. O nomeado para esta função foi o frei Custódio de Campos e Oliveira, tornando-se, então, o 1º Diretor do Serviço de Saúde do Exército. Contudo, foi a partir do Decreto nº 601 de 19 de abril de 1849 que o Serviço de Saúde do Exército foi organizado, estabelecendo os postos e suas respectivas graduações militares pertinentes.

³ Chamamos aqui de “modernização” a reforma nas Forças Armadas como resultado das experiências de oficiais que estagiaram no Exército alemão e, também, da atuação da Missão Militar Francesa. Pontos como reexame de idéias e conceitos, reformulação de manuais, criação de regimentos e, principalmente, as mudanças de critério de promoção no Exército são identificados neste processo.

⁴ Os chamados *javens turcos*, em função das turmas de jovens oficiais turcos que estagiaram no Exército alemão e reorganizaram o Exército da Turquia. Mais informações sobre este tema: NETO, Manuel Domingos. “A disputa pela missão que mudou o Exército”. *Estudos de História*, UNESP, São Paulo, v.8, pp. 197-215, 2001; _____. “Influência estrangeira e luta interna no Exército, 1889-1930”. In: ROUQUIÉ, Alain (org.). *Os Partidos Militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, pp. 43-70, 1980; e, LUNA, Cristina. “Os ‘javens turcos’ na disputa pela implementação da missão militar estrangeira no Brasil”. In: *I Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa*, 2007, São Carlos – SP. Textos do Primeiro Encontro Nacional da ABED, 2007.

⁵ Em 1913 os *javens turcos* criam uma revista, *A Defesa Nacional*, em que publicavam estes artigos (LUNA, 2007).

⁶ Ministro da Guerra (*Ministre de La Défense*) da França no período de 12 de novembro de 1905 a 25 de outubro de 1906 e de 21 de janeiro a 9 de dezembro de 1913.

Até o início da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), Alemanha e França buscavam cativar políticos e oficiais brasileiros a partir de convites para visitas aos seus países, como, por exemplo, a realizada pelo presidente Marechal Hermes da Fonseca à Alemanha em 1910. Com o início dos conflitos e a formação das alianças⁷, o Brasil declarou-se um país neutro. Entretanto, em função de ataques alemães a navios comerciais brasileiros em abril de 1917, o país rompeu as relações diplomáticas com os germânicos. Em outubro daquele mesmo ano era proclamado estado de guerra, após o torpedeamento do mercante brasileiro Macau e o fato do comandante desta embarcação ter sido feito prisioneiro dos alemães. A Divisão Naval de Operações de Guerra deveria seguir para a Europa e unir-se aos aliados. Por fim, o presidente da república na época, Wenceslau Braz⁸, pelo Decreto nº 13.092 de 10 de Julho de 1918, criou a Missão Médica comandada pelo coronel Nabuco de Gouvêa.

A Missão Médica foi organizada em 28 de julho de 1918 pelo Ministro da Guerra, marechal José Caetano de Faria. Totalizando, aproximadamente, 150 profissionais, a Missão foi composta por 92 médicos – seis da Marinha, cinco do Exército e os demais civis – e 17 acadêmicos de Medicina, além de 30 soldados e pessoal do quadro administrativo. Contando em seu início com 86 médicos, posteriormente outros seis, que já estavam em Paris prestando serviços em um Hospital de sangue, seriam incluídos na Missão. O objetivo da Missão Médica era organizar, em território francês, um hospital brasileiro em um ponto qualquer a ser designado pelo Quartel-General aliado (MALAN, 1988: 53). Partindo do Brasil no navio “La Plata” a 18 de agosto, os militares que sobreviveram à gripe⁹ chegaram à França em 24 de setembro de 1918, permanecendo até o fim da missão, em fevereiro de 1919. O fim da Missão Médica Militar à França implicou o início de mais uma etapa nas relações entre este país e o Brasil. Em abril de 1920, chegou o general Gamelim, responsável pela Missão de Instrução¹⁰ das Forças Armadas Brasileiras.

A historiografia voltada para a questão militar e o desenvolvimento das tropas nacionais, aponta a Missão Francesa como fundamental para o entendimento do processo de

⁷ Na 1ª Guerra Mundial, a formação de alianças configurou dois blocos. Um foi chamado de Tríplice Entente e era composto pela Inglaterra, França e Rússia. O outro, a Tríplice Aliança, integrado pela Itália, Alemanha e Império Austro-Húngaro.

⁸ Presidente do Brasil de 15/11/1914 a 15/11/1918.

⁹ A viagem até a Europa contou com a passagem pela costa africana. Após 9 dias de viagem, avistaram o farol de Dakar – capital do Senegal, país que era colônia francesa na época. Para Mario Kroeff, médico encarregado dos prisioneiros alemães, foi neste momento que o contágio se deu. O resultado foi a morte de tripulantes e recrutas senegaleses que embarcavam para combater na Europa (ABREU, 1945; KROEFF, 1968; LEITÃO, 1945).

¹⁰ Trataremos da caracterização deste termo em item posterior do nosso projeto.

modernização do Exército brasileiro¹¹. E no que diz respeito ao Serviço de Saúde do Exército, influenciou de alguma forma?

A Escola de Saúde do Exército (EsSEEx) teve sua origem com o Decreto nº 2.232 de 6 de janeiro de 1910 com o nome de “Escola de Aplicação Médico-Militar”¹² e subordinada à Diretoria de Saúde do Exército (SILVA, 1958; XAVIER, versão eletrônica)¹³. Naquele momento seu dever era ministrar conhecimentos básicos da vida militar aos doutores em medicina. Em fase posterior, esta atividade foi levada a farmacêuticos, dentistas e veterinários que ingressavam no Serviço de Saúde do Exército a partir de concurso. O Decreto autorizava, ainda, a criação de um “curso de aplicação especial para os doutores em medicina que se propunham ao serviço médico-militar”, mas este curso, juntamente com o de enfermeiros e padioleiros¹⁴ foi regulamentado apenas em 1913 (Decreto 10.402 de 20 de agosto de 1913). A partir de então, o diretor do Hospital Central do Exército era o responsável pelo curso de aplicação.

Em 1921, mais uma mudança estrutural na Escola de Saúde do Exército¹⁵. As direções técnica, de ensino e de estudos estavam sob responsabilidade da Missão Militar Francesa (MMF). Os professores eram médicos da Missão, enquanto conferencistas e instrutores eram nomeados pelo Ministério da Guerra. Andréa Lemos Xavier e Verônica Pimenta Velloso se referem às críticas do médico Louis Marland, diretor de estudos, em Relatório de 1924 dirigido ao Estado-Maior do Exército. Segundo Marland, o curso de aperfeiçoamento não acontecia no tempo decorrido. Devendo apresentar a duração de um ano, o curso de aperfeiçoamento era realizado em apenas quatro meses e “a falta de especialistas nos quadros do Exército, como cirurgiões, bacteriologistas e radiologistas entre outros, seria suprida pelo curso de aperfeiçoamento com duração de um ano”. Nos Relatórios dos anos de 1926 e 1928, não verificamos estas colocações.

¹¹ Citamos alguns dos autores mais significativos: MALAN, A.S. *Op. cit.*; SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um Soldado*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967; CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

¹² http://www.essex.ensino.eb.br/html/a_essex/historico/historico_essex_1.htm, acesso em outubro de 2008.

¹³ Subordinados à Diretoria de Saúde do Exército, estavam: o Instituto de Biologia do Exército (o antigo “Laboratório de Microscopia Clínica e Bacteriologia”, criado em 1894), o Hospital Central do Exército, o Laboratório Químico Farmacêutico Militar e a Escola de Saúde do Exército.

Destacamos neste trecho apenas aquelas instituições que se relacionam com nossa pesquisa e com nosso recorte temporal. Estão ainda subordinados à Diretoria de Saúde: a Policlínica Militar, o Serviço Dentário do Exército, o sanatório militar, os hospitais e enfermarias militares, o estabelecimento central do material sanitário do Exército, o posto médico do Ministério da Guerra e, finalmente, o Serviço Veterinário do Exército (SILVA: 1958, pp.152-175).

¹⁴ Conforme o Dicionário Aurélio, padioleiro: “aquele que carrega a padiola”; padiola: maca.

¹⁵ Decreto 15.230 de 31 de dezembro de 1921.

Quanto ao ensino na Escola de Saúde do Exército, o que nos chama a atenção é o conteúdo do currículo dos cursos oferecidos em momentos diferentes de sua História. Conforme o Decreto nº 10.402 de 1913, o curso de aperfeiçoamento tinha dois anos de duração. No primeiro ano, os alunos estudariam matérias como “higiene militar, exercícios de bacteriologia e química aplicada à higiene militar (...); serviço de saúde nos exércitos, seu funcionamento na paz e na guerra, noções de tática; clínica das moléstias da pele e sífilis; clínica cirúrgica e das vias urinárias, e cirurgia de guerra”. O segundo e último ano tinha como disciplina a destacarmos a “clínica médica das enfermidades e epidemias comuns nos exércitos” (XAVIER, versão eletrônica). Contudo, ressaltam Xavier e Velloso:

“Em termos legislativos, o curso de aplicação se constituiu como uma escola somente pelo Decreto nº 15.230, de 21/12/1921, que aprovou o regulamento para o Serviço de Saúde do Exército em tempos de paz. Desde então, o curso passou a ser designado de Escola de Aplicação do Serviço de Saúde do Exército, ficando subordinada diretamente à Diretoria de Saúde da Guerra, e tendo por fim ‘dar aos médicos e farmacêuticos, candidatos à inclusão no Corpo de Saúde do Exército, um complemento de instrução técnica sobre as aplicações especiais da medicina, cirurgia e química ao Exército (...)’ (XAVIER, versão eletrônica)¹⁶.

Em seus cursos de aperfeiçoamento e epidemiologia, os oficiais de saúde entravam em contato com trabalhos práticos. O Relatório de 1928 dos médicos franceses General Albert Quirin, responsável pelo curso de aperfeiçoamento e Louis Marland, diretor de ensino, aponta para os trabalhos práticos sobre cirurgia de guerra, epidemiologia e serviço de saúde em campanha. Contudo, é para o curso de epidemiologia que devemos olhar mais atentamente:

“25 sessões de trabalhos práticos incluindo visitas, com demonstrações e observações do funcionamento, ao Instituto Oswaldo Cruz, Instituto Vacínico Municipal (no Rio de Janeiro), ao Instituto Butantan (São Paulo) e Instituto Vital Brazil (Niterói) (...). Além disso, era cobrada a frequência ao Laboratório Militar de Bacteriologia para a fabricação de vacinas e soros” (XAVIER, versão eletrônica).

Criado em 1894 com o nome de “Laboratório de Microscopia Clínica e Bacteriologia”, o Laboratório Militar de Bacteriologia surgiu sob influência da escola francesa de Louis Pasteur e foi um dos primeiros¹⁷ no âmbito da bacteriologia no Brasil. A finalidade deste laboratório era “propiciar aos médicos militares as investigações microscópicas relativas às necessidades dos serviços clínicos hospitalares, à bacteriologia e ao

¹⁶ O uso do termo “Corpo” é utilizado por alguns autores ora como um sinônimo para “Serviço”, ora como parte de uma das divisões do Serviço de Saúde do Exército.

¹⁷ Os primeiros laboratórios bacteriológicos instalados no Brasil foram os criados por Domingos Freire no Rio de Janeiro em 1890 e o Instituto Bacteriológico de São Paulo em 1892 (BENCHIMOL, 1995 e 1999).

parasitismo” (MELLO, versão eletrônica). O laboratório seria ainda responsável pela pesquisa “sobre a origem, natureza, patogenia, tratamento e profilaxia de doenças endêmicas, epidêmicas e infecto-contagiosas, observadas no país” (MELLO, versão eletrônica).

Trabalhando em conjunto com o Laboratório Militar de Bacteriologia tínhamos o Laboratório Químico Farmacêutico Militar¹⁸, que teve sua origem em 1808 sob o nome de *Botica Real Militar*. Conforme o Decreto nº 9.717, de 5 de fevereiro de 1887, sujeito ao Cirurgião-Mór do Exército, este laboratório destinava-se a “preparar os compostos químicos e farmacêuticos necessários ao Serviço de Saúde do Exército e fornecer às farmácias militares, ambulâncias de forças expedicionárias, estabelecimentos militares em geral e a outros destinos que forem determinados pelo Ministério da Guerra” (VELLOSO, versão eletrônica). Com o fim do Império e o advento da República, o Laboratório teria que se submeter a outras funções além das que nos referimos anteriormente. Conforme Decreto nº 7.454 de 8 de julho de 1909, o Laboratório tinha como fim “proceder a todos os exames e análises de química geral ou aplicada à higiene militar”. Este Decreto possibilitava ainda que o Diretor fizesse pedido, às autoridades, de artigos necessários ao laboratório e quais destes artigos na Europa. No ano seguinte, 1910, o Decreto nº 2.232 determinou que, em conjunto com o Hospital Central do Exército e Laboratório Militar de Bacteriologia e Microscopia Clínica, funcionaria como locais em que seriam realizados os cursos da Escola de Aplicação Médico Militar.

O que notamos no Serviço de Saúde do Exército no período entre as duas Guerras?

A influência alemã ou francesa, para nós, não foi finalizada com a contratação da Missão Militar Francesa em detrimento de uma Missão Militar Alemã. O que vimos acima demonstra que a Missão Militar Francesa esteve presente no desenvolvimento do Serviço de Saúde do Exército. Ainda assim, notamos a existência de uma lacuna quanto ao seu desenvolvimento desde a Missão Médica Militar Brasileira na França e a formação do 1º Batalhão de Saúde, em 1943, para a Força Expedicionária Brasileira, a F.E.B., na Segunda Guerra Mundial. Como os médicos franceses planejaram os cursos ministrados por eles na Escola de Aplicação do Serviço de Saúde do Exército? E a influência da medicina alemã? Onde e como é verificada?

Considerando como intensa a atividade da Missão Militar Francesa nos cursos da Escola de Saúde até o final da década de 1920, há um ponto em comum com o momento anterior a esta Missão e o Exército que apóia o governo de Getúlio Vargas de 1930 a 1945: a

¹⁸ Utilizamos o nome utilizado no período referente ao recorte cronológico de nossos estudos. O Laboratório Químico Farmacêutico Militar, a partir de 1943 seria denominado de Laboratório Químico Farmacêutico do Exército.

higiene militar. Como nos referimos em momento anterior deste projeto, o ensino da Escola de Saúde do Exército em 1913 apresentava a higiene militar em seu quadro de matérias, ou seja, anterior à chegada da Missão Militar Francesa.

O objeto da higiene é a proteção e o desenvolvimento da saúde. Para a realidade dos militares, o estudo de higiene da tropa levava em consideração aspectos como educação física militar; exercícios militares e os acidentes provocados em sua execução; asseio, fardamento e equipamento do soldado; habitações; profilaxia de doenças comuns no exército; etc. Em nossa pesquisa, objetivamos entender como a preocupação com a saúde de recrutas, principalmente, relaciona-se com um projeto voltado para a melhoria do exército nacional, bem como de seu desenvolvimento, calcado nas diretrizes médicas francesa e/ou alemã.

Para Murillo de Campos, que foi médico do Serviço de Saúde do Exército nos anos 1920, “o serviço militar é um grande factor de saneamento das populações modernas”. Isto porque na caserna, “os indivíduos, qualquer que seja a sua procedência, experimentam a influencia benéfica dos exercícios phisicos methodicos, da alimentação segundo normas racionaes, do asseio corporal obrigatório, da repressão do alcoolismo e da prophylaxia das doenças transmissíveis”. Portanto, a caserna é uma escola de asseio e de higiene (CAMPOS, 1927: 5, 6 e 160).

A preocupação com a higiene da tropa, a questão da higiene militar, deve ser apontada como um processo de modernização do Exército nacional pautado em um projeto de acordo com o seguimento de cada grupo de oficiais da saúde: pró-franceses e pró-germânicos. Neste ponto, questionaremos sobre o grau de influência destas potências estrangeiras na formação do oficial de saúde do Exército brasileiro e, além disso, os resultados obtidos, no processo de seleção da tropa visando a construção de um exército “moderno” pautado nos padrões técnicos dos exércitos europeus¹⁹.

O serviço militar obrigatório, colocado em prática a partir de 1916²⁰, é apontado por diversos autores como fruto das reivindicações dos alunos que estagiaram no exército alemão, os chamados “*jovens turcos*”. O que buscaremos em nossa pesquisa é, de que forma, a questão da higiene militar relaciona-se com o desenvolvimento de pesquisa voltada para o desenvolvimento de uma tropa saudável e como o processo seletivo dos futuros soldados está imbuído de uma lógica “racialista”. O período entre as duas guerras mundiais é fundamental

¹⁹ Entendemos “padrões técnicos” as práticas utilizadas pelos exércitos alemão e francês na seleção de pessoal, assim como seus critérios adotados na construção de uma tropa saudável.

²⁰ Na verdade, a Lei do Serviço Militar foi aplicada em 1916, mas havia sido criada quase dez anos antes pela Lei Nº 1860, de 04 de janeiro de 1908 (McCANN, 1982: 119).

para entendermos as disputas e os resquícios das influências de ambas as potências, Alemanha e França, no desenvolvimento de um Serviço de saúde do Exército nacional.

A criação de laboratórios civis e militares voltados para pesquisa de doenças e desenvolvimento de soros e vacinas estaria, também, relacionado com esse processo de modernização pautado no modelo dos exércitos europeus. Neste caso, apontamos o Instituto Koch – fundado em 1891 –, como fundamental, na medida em que, ao contrário do Instituto Pasteur – fundado em 1888 –, estava diretamente ligado às questões de Estado e tinha oficiais médicos do Exército alemão em seus quadros (WEINDLING, 1992: 170-188). Um exemplo de tal afirmativa é a criação do Laboratório de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Verônica Pimenta Velloso, ao tratar da origem deste laboratório, percebe que ele é resultado das reformas do ensino médico na década de 1880, “inspiradas no modelo germânico de instituições de ensino e pesquisa. O ensino prático e livre seria o pilar deste modelo que contrastava com o modelo centralizador francês” (VELLOSO, versão eletrônica). Sabemos que este instituto passou por várias modificações em sua estrutura e sua nomenclatura até ser dirigido em 1897, já sob a denominação de Instituto Sanitário Federal, pela Diretoria Geral de Saúde dos Portos. Contudo, ressaltamos a importância dos laboratórios nacionais pautados nos modelos de institutos europeus.

Referindo-se a estes institutos estrangeiros e sua influência sobre institutos e laboratórios nacionais, é profícuo fazermos algumas observações acerca dos mais importantes existentes no momento de criação do Laboratório de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1882), civil, e do Laboratório de Microscopia Clínica e Bacteriologia (1894), militar. No final do século XIX, especificamente nas décadas de 1880 e 1890, surgia uma nova forma de laboratório de pesquisa médica. Fora do contexto das universidades, destinavam-se principalmente à saúde pública e terapia hospitalar. “A fundação destes institutos foram encorajados pela esperança de que a bacteriologia poderia providenciar soluções aos aparentemente intratáveis problemas de saúde das cidades em desenvolvimento (burgeoning cities)” (WEINDLING, 1992: 170).

Além disto, havia também uma questão da competição internacional em função do surgimento do imperialismo. O prestígio internacional viria na mesma proporção em que novas descobertas no campo bacteriológico eram feitas. É neste ambiente “competitivo” que os Institutos Pasteur e Koch são fundados. O Instituto Pasteur, fundado em 1888, era uma fundação privada, mas com facilidades e suporte do Estado e do município. Um outro ponto é o significado do Instituto no momento histórico de seu país. O Instituto Pasteur “era o símbolo da terceira República”, pois “combinava a multiplicidade de interesses pessoais com

um *ethos* nacional” (WEINDLING, 1992: 174)²¹. Assim, o suporte político dado ao instituto demonstra como a higiene era entendida como uma forma segura de progresso.

Enquanto o Instituto Pasteur obtinha seus fundos pautado em pesquisas em torno da raiva, o Instituto Koch, fundado na Alemanha em 1891, obteve apoio de uma terapia inovadora para importante doença na época: a tuberculose. Weindling chama nossa atenção para o fato de que, em termos científicos, Pasteur e Koch eram muito diferentes. Enquanto Pasteur havia realizado seus experimentos em técnicas de fermentação e análises químicas, Koch trabalhou com material mais sofisticado para a cultura de bactérias. Outro ponto a observar é que “a escola de bacteriologia de Koch pode ser vista como uma consequência de uma geração anterior de pesquisadores (...). A maior parte das descobertas em bacteriologia entre 1876 e 1900 eram de alemães ou treinados por pesquisadores alemães” (WEINDLING, 1992: 176).

Os institutos Pasteur e Koch tiveram contato com setores militares, mas estes desempenharam papéis diferenciados em seus quadros. Enquanto o instituto francês apresentava um “potencial” para desenvolver contato com autoridades militares em função de sua localização – Paris –, o Instituto Koch, por manter sua rígida estrutura hierárquica, apresentava como membros de sua equipe vários oficiais-médicos militares. Segundo Weindling, “Havia uma maior hierarquia, uniformidade e orientação do Estado e envolvimento militar que o Instituto Pasteur” (WEINDLING, 1992: 184). Por fim, no que diz respeito ao período entreguerras, o autor afirma que mesmo o Instituto Koch crescendo enquanto centro nacional de pesquisas, este acabou sucumbindo ao nazismo.

Em artigo intitulado *Higiene Militar e Medicina Militar*, Monteiro Sampaio – Capitão-médico instrutor da Escola de Saúde do Exército – publicado em 1942, inicia seu texto se referindo a uma conferência sobre medicina militar proferida na Universidade de Viena, 1938, por um general médico, Dr. Handloser. Na comunicação deste médico, agradeceu a presença de médicos civis que “atenderam ao chamado” da medicina militar e que “esta [a medicina militar] representava para eles, de um modo geral, uma terra virgem e que lhe era uma honra e um prazer guiá-los através deste novo território, apoiado pelos conhecimentos e resultados das pesquisas e experiências dos antigos e modernos tempos, bem como sua experiência própria de trinta anos de médico militar” (SAMPAIO, 1942: 385). Há

²¹ “O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem” (GEERTZ, 1989: p. 93).

duas observações pertinentes a fazermos neste documento. A primeira diz respeito ao lugar em que ocorreu esta Conferência. Em 1938, não havia se iniciado a 2ª Guerra Mundial, mas Viena era capital de um país que, naquele momento vivia sob um regime fascista: Áustria. Um segundo aspecto a considerarmos é o médico responsável por esta conferência. Dr. Handloser era general médico do Exército alemão e sob as ordens de seu Führer, Hitler, no ano da Conferência, *Generaloberstabsarzt* Dr. Handloser era chefe das Forças Armadas do Serviço Médico alemão²². Ao longo do artigo, o Capitão-médico Monteiro Sampaio faz referências a proposições deste médico e à forma como este define a medicina militar. Cabe destacar:

*“As exigências do serviço militar (exercícios fatigantes, marcha, emprego das armas, acampamento, etc.) põem à prova de sua resistência orgânica que deve ser objeto de meticulosa observação por parte do médico de tropa. Essa observação meticulosa, esse estudo por assim dizer **experimental** do próprio cerne da raça, é um dos grandes benefícios feitos à nacionalidade pelo Exército, que é o caminho onde os seus filhos se enrijam e enobrecem.*

Tudo o que mediata ou imediatamente levve a este fim, higiene, inspeção médica, profilaxia e tratamento das doenças, educação física e educação moral, é do domínio da medicina militar. Incumbe-lhe, diz o Dr. Handloser (...), especialmente, participar de todas as medidas sociais e político-demográficas que elevam o poder defensivo, pesquisar as causas das incapacidades para o serviço militar, contribuindo para afastá-las, e finalmente colaborar em todas as medidas de educação física que desenvolvem e fortificam a juventude, que é o Exército de amanhã.

[...]

Se assim é, porém, se a medicina militar no seu mais amplo conceito de conservação, desenvolvimento e aperfeiçoamento da raça é tarefa honrosa de todos os médicos, há contudo, um setor especial que constitui por excelência a esfera de ação do médico militar. E neste setor ocupa o primeiro lugar a higiene militar. ‘Ela foi em todos os tempos, escreve Handloser, e é também ainda hoje, um domínio especial do médico militar’. Dela não se ocupam apenas os especialistas, mas normalmente o médico de tropa e mesmo o médico militar, em geral deve dar-lhe o maior apreço.

[...]

Na higiene militar resumem-se os deveres mais fundamentais e mais elevados da medicina militar. Por isso o nosso Regulamento para o Serviço de Saúde em tempo de paz (Bol. Do Ex. n. 42, 31-7-36) prescreve em primeiro lugar: o Serviço de Saúde do Exército tem por objeto: a) aplicação dos preceitos de higiene à conservação da saúde da tropa...

Dever-se-ia completar este mandamento com a noção do desenvolvimento e aperfeiçoamento da raça, que é, sem dúvida, a missão social do Exército e que não se pode realizar sem o concurso da medicina militar” (SAMPAIO, 1942: 386).

O documento acima é apenas uma amostra do que entendemos por “influência” de correntes científicas de potências européias, no caso, alemães e francesas no nosso Serviço de Saúde. Com isso, entendemos que foi no período entre as duas guerras que os grupos no interior do Serviço de Saúde do Exército foram se identificando com as correntes científicas

²² Nazi Conspiracy and Aggression. Volume VIII. USGPO, Washington, 1946/pp.672-678 (<http://www.ess.uwe.ac.uk/genocide/keitel4.htm>). Acesso em outubro de 2008.

com as quais “simpatizavam”. Assim, se levarmos em consideração o caráter germanófilo dos militares que cercavam Getúlio Vargas, não podemos afastar este mesmo aspecto do Serviço de Saúde e, por isso, nos limitarmos ao estudo deste Corpo até a formação de um Batalhão de Saúde que combateria na Europa ao lado dos aliados.

Após cinco navios mercantes brasileiros terem sido afundados pelos submarinos alemães, Vargas reuniu-se com seus ministros e, em agosto de 1942, declarou que o Brasil estava em estado de guerra. Convocada para atuar ao lado do V Exército dos EUA, a Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.) constituiu em 1943 o seu 1º Batalhão de Saúde. Proveniente das formações sanitárias do Rio de Janeiro e de São Paulo e organizada na cidade de Valença, o Batalhão de saúde seguiu em 1944 para a Itália. Não nos deteremos nas atuações da F.E.B. e do seu batalhão de saúde, por considerarmos que a partir do envio de tropas para o teatro de operações europeu e a aproximação com os Estados Unidos da América a partir deste momento, fugiria dos propósitos de nossa pesquisa.

O período entreguerras marcou a ascensão de regimes totalitários na Europa – a Itália levou Mussolini ao poder em 1922 e os alemães deram a vitória ao nazismo em 1933 – e o Brasil veria, após a Revolução de 1930, a instauração de uma ditadura nos moldes fascistas. Era o Estado Novo de “Vargas e os Militares”²³. Enquanto o Instituto Koch sucumbia à “racialização das ciências médicas” do nazismo, poderíamos nos questionar o que ocorreria com nossos institutos naquele mesmo período. Contudo, o que nos intriga, é entender como esta mudança no cenário internacional afetou o Serviço de Saúde do Exército brasileiro, principalmente o “grupo germanófilo”, e o andamento das pesquisas do nosso Laboratório de Microscopia Clínica e Bacteriologia daquela força.

Nossa hipótese, a ser verificada é a de que, no campo da medicina militar, a influência da Alemanha ou da França no Exército brasileiro não termina com a chegada de uma missão militar francesa ao Brasil em 1920. A vitória em um primeiro momento de um grupo pró-França implica a institucionalização de projetos diferenciados voltados para sociedade. Admitindo-se o “domínio” do grupo pró-germânico no processo de recrutamento no período entreguerras, teremos a efetivação de seu projeto na ditadura estadonovista. Desta hipótese principal, decorre uma segunda: Se a missão militar francesa saiu vitoriosa no pós 1ª

²³ Há uma extensa bibliografia tratando do regime autoritário do Estado Novo e sua aproximação ideológica com o nazi-fascismo. Contudo, utilizamos como obra referencial para nosso trabalho, o verbete de MARTINS, Luciano. “Estado Novo”. In: ABREU, Alzira Alves, BELOCH, Israel (orgs.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, versão eletrônica; e os livros: FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 9ª Ed., 2001; SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965 (Em especial o capítulo “Fase Nacional”).

Guerra, como explicar a influência alemã no desenvolvimento da medicina militar voltada para a higiene durante os anos 1930?

Quanto aos nossos objetivos na pesquisas, temos como principal entender como o processo de modernização pelo qual passou o Serviço de Saúde do Exército, influenciou os oficiais médicos e criou uma competição no processo de institucionalização dos saberes científicos. Tomamos como ponto de partida o envio de oficiais brasileiros à Alemanha em 1906, 1908 e 1910 – sendo esta última em maior número de estagiários – e, em 1920, com a chegada de Gamelin dando início à Missão Militar Francesa. Como objetivos específicos, destacaríamos: identificar as influências estrangeiras a partir da análise de alunos do Serviço de Saúde que estagiaram no Exército alemão entre os anos de 1906 e 1912, assim como os conteúdos vistos em cada turma; militares e civis que compuseram o quadro dos profissionais médicos da Missão Médica do Brasil na França; alunos ligados ao Serviço de saúde que foram instruídos pela Missão Militar Francesa; números do serviço militar obrigatório voltados para o processo de seleção de novos recrutas. Além de buscarmos informações sobre relação entre os Institutos civis e militares no Brasil e deste com institutos alemães e/ou franceses.

O nosso objeto de estudos requer um conjunto substancial de arquivos que estão presentes na cidade do Rio de Janeiro. O Arquivo Histórico do Exército (AHEx) apresenta a maior parte do nosso acervo documental; o Arquivo do Hospital Central do Exército (HCE), que é de suma importância, na medida em que muitas operações da Escola de Saúde estavam vinculadas à direção deste Hospital; o Centro de História e Documentação Diplomática (CHDD) do Palácio do Itamaraty, para verificarmos a produção de documentação oficial entre representantes dos países que desejamos verificar suas relações com o Brasil; o Centro de Pesquisa e Documentação da FGV, o CPDOC, que contém o Arquivo Pessoal de alguns de nossos “personagens” que exerceram cargos políticos ou estavam ligados ao governo após os anos 1930; e, finalmente, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), que dispõem de correspondências referentes à missão francesa e que se encontram nos arquivos pessoais de Hélio Viana e Paulo de Frontin.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Dr. Florêncio de. “A medicina militar no Brasil”. *Anais do Hospital Central do Exército*, 1945.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. “Domingos José Freire e os primórdios da bacteriologia no Brasil”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. II, n.1, p.67-98, mar./jun. 1995.
- _____. *Dos micróbios aos mosquitos. Febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ/Ed. UFRJ, 1999.

- CAMPOS, Murillo de. *Elementos de Higiene Militar*. Rio de Janeiro: Empreza Graphica Editora – Paulo, Pongeti & Cia, 1927.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.
- LEITÃO, Dr. Francisco Correia. "O ensino médico-militar no Brasil". *Anais do Hospital Central do Exército*, 1945.
- KROEFF, Mario. "Autoridade outorga. (Missão Médica Militar Brasileira da Primeira Grande Guerra Mundial)". *Boletim Informativo da Academia Brasileira de Medicina Militar*, vol. VI, nº 10, out. 1968, pp. 435-446.
- LUNA, Cristina. "Os 'jovens turcos' na disputa pela implementação da missão militar estrangeira no Brasil". In: *I Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa*, 2007, São Carlos – SP. Textos do Primeiro Encontro Nacional da ABED, 2007.
- MALAN, Alfredo Souto. *Missão Militar Francesa de Instrução Junto ao Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.
- McCANN, F. D. *A Nação Armada: ensaios sobre a história do Exército Brasileiro*. Tradução: Sílvia Rolim. Recife: Guararapes, 1982.
- MELLO, Luis Eduardo Lethier de; FONSECA, Maria Rachel Frões da. "Laboratório de Microscopia Clínica e Bacteriologia". *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Capturado em setembro de 2008. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.
- NETO, Manuel Domingos. "A disputa pela missão que mudou o Exército". *Estudos de História*, UNESP, São Paulo, v.8, pp. 197-215, 2001.
- _____. "Influência estrangeira e luta interna no Exército, 1889-1930". In: ROUQUIÉ, Alain (org.). *Os Partidos Militares no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, pp. 43-70, 1980.
- SAMPAIO, Monteiro. "Higiene Militar e Medicina Militar". *Revista Médico-Cirúrgica do Brasil*, Ano L, nº 5, Maio-1942, pp. 385-397.
- SILVA, Arthur Lobo da. *O Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. (História evolutiva desde os tempos primórdios até os tempos atuais)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.
- VELLOSO, Verônica Pimenta; BRAGA, João Áreas. "Botica Real Militar". *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Capturado em setembro de 2008. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.
- VELLOSO, Verônica Pimenta. "Laboratório de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro". *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Capturado em setembro de 2008. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.
- WEINDLING, Paul. "Scientific elites and laboratory organisation in fin de siècle Paris and Berlin". In: Cunningham, A. & Williams, P. (eds.). *The laboratory revolution in medicine*. Cambridge University Press., 1992, pp. 170-188.
- XAVIER, Andréa Lemos; VELLOSO, Verônica Pimenta. "Escola de Aplicação Médico-Militar". *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Capturado em setembro de 2008. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.